

# JUÍZO FINAL OU SPRUNG?

## DIÁLOGOS E INTERROGAÇÕES NAS TRAMAS DA HISTÓRIA

FLÁVIA MARIA DE MENEZES – PROPED/UERJ. flaviamaria37@yahoo.com.br  
PRISCILA DE O. DORNELLES MACHADO – PROPED/UERJ.  
pridornelles@hotmail.com

**Resumo:** A proposta deste artigo é contribuir com nossas interpretações, indagações e reflexões acerca da perspectiva histórica de Walter Benjamin em diálogo com a obra Juízo Final, do pintor alemão Fritz Lohmann. Fritz foi um artista que nos seus 85 anos de vida nunca desejou publicar suas telas, preferindo o anonimato, mas acreditamos, ao analisar a obra referida, que ele encontrou-se com Benjamin em pensamento e reflexão, sem nunca tê-lo conhecido. Na tela Juízo Final, é possível perceber impressões que nos possibilitarão interpretar algumas ideias que Walter Benjamin desenvolveu nas teses que escreveu sobre o conceito de história, como as ideias de melancolia e redenção, que nos permitirão colocar a obra de Fritz em diálogo com este pensador.

**Palavras-chave:** história, intertexto, reflexões

O céu de Ícaro tem mais poesia que o de Galileu  
E lendo teus bilhetes, eu lembro do que fiz  
Querendo ver o mais distante e sem saber voar  
Desprezando as asas que você me deu...  
(Os Paralamas do Sucesso)

## Introdução

**N**ão somente a extraordinária filosofia de Walter Benjamin como também a de muitos brasileiros anônimos ou não, nos instigaram a encaminhar uma proposta de artigo e discussão para participar da II Jornada Benjaminiana.

Ouvindo pelo rádio a canção *Tendo a Lua*, da banda *Os Paralamas do Sucesso*, pensamos que trazer parte desta canção na epígrafe do texto seria um bom começo para nossa discussão. O céu de Ícaro é um céu mítico e trágico; um jovem sonhador, que ignorou os conselhos de seu pai colocando a frente de qualquer coisa sua ânsia juvenil por conhecer e desvendar as maravilhas da liberdade, voando ao encontro do sol e da morte. Galileu com seu telescópio mostrou que, muito mais do que mistérios, lendas, mitos, o universo é explicado pelas leis da ciência; entretanto, mesmo a ciência de Galileu não se distanciou da poesia. “*Mas que céu pode satisfazer teu sonho de céu?*”, nos pergunta Manoel Bandeira. O céu de Ícaro ou o de Galileu (acrescentamos)?

Acreditamos que tem sido “o sonho de céu”, como nos convida a refletir o poeta, a nutrição para muitos pensadores, com os quais nos encontramos no percurso da pesquisa no curso de mestrado, produzirem suas filosofias, suas ideias, interrogações e reflexões. No mesmo sentido pensam os poetas que escrevem as poesias e as canções, que nos instigam a olhar nossa trajetória como pesquisadora por outras lentes, às vezes pouco nítidas, porém sempre reveladoras.

Nosso encontro com Walter Benjamin começou em uma disciplina do curso de mestrado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), coordenada pelas professoras Rita Ribes e Maria Luiza Oswald, duas desbravadoras do pensamento benjaminiano. Pensamos que um encontro com este pensador não tem hora marcada

para terminar. A filosofia benjaminiana nos levou a compreender que para um pesquisador da área das Ciências Humanas como somos, o céu de Galileu pode ser revelador, mas não basta, é preciso nutrir a pesquisa com o céu de Ícaro que, para nós, tem sido possível através de Benjamin.

Portanto, nossa proposta é contribuir nesta Jornada com nossas interpretações, indagações e reflexões acerca da perspectiva histórica de Benjamin em diálogo com a obra *Juízo Final*, do pintor alemão Fritz Lohmann<sup>1</sup>. Fritz foi um artista que nos seus 85 anos de vida nunca desejou publicar seu trabalho, preferindo o anonimato, mas acreditamos, ao analisar a obra referida, que ele encontrou-se com Walter Benjamin em pensamento e reflexão, sem nunca tê-lo conhecido, ou melhor, sem ter tido o prazer da leitura de suas obras, e que trazê-lo para dialogar com as perspectivas históricas Benjamin seria, para nós, uma experiência fascinante no exercício reflexivo sobre a obra deste pensador.

Fritz Lohmann nasceu na cidade de Berlim, na Alemanha, no ano de 1916. Aos onze anos, veio para o Brasil com sua família e aqui permaneceu até a sua morte, em 2001. As telas foram, ao longo de sua vida no Brasil, o modo pelo qual Fritz expressava sua filosofia. Na tela *Juízo Final* é possível perceber impressões deste artista que nos possibilitaram interpretar algumas ideias que Benjamin desenvolveu nas teses que escreveu sobre o conceito de história, como as ideias de *melancolia* e *redenção*, que nos permitiram colocar a obra de Fritz em diálogo com este pensador. Nossas interpretações estão ancoradas nas obras de Walter Benjamin (1986, 1987), Michael Löwy (2005), Boaventura Sousa Santos (2002), e outros interlocutores que nos têm atravessado nas leituras benjaminianas.

## O quê de Benjamin atravessa o Juízo Final?

O *salto* benjaminiano é, para nós, uma ideia fascinante para falar de história.

---

<sup>1</sup> Fritz Lohmann é avô de uma das autoras do artigo. Optamos em não detalhar aspectos de sua vida pessoal respeitando, assim, seu desejo de permanecer no anonimato.

Fomos educados a pensar a história a partir da força da correnteza, ou melhor, levados a “ver” os fatos históricos e acreditar naquilo que nos foi contado, como faz a força da correnteza que nos leva para onde o curso das águas caminha, o tempo todo nesta direção; até porque nadar contra a correnteza exige fôlego e coragem; é sempre uma situação de enfrentamento do que parece ser inevitável, sem medo; é como se desconfiássemos daquilo que nos é colocado como verdade, com provas legítimas, como narrou Benjamin em sua Tese XI: “nada foi mais corruptor para a classe operária alemã que a opinião de que ela nadava com a corrente”<sup>2</sup>.

O *salto* benjaminiano nos encantou pelo fato deste pensador não trazer, na sua filosofia, o desmascaramento das verdades históricas, mas sim e sempre, outra forma de conhecê-las, ou seja, um reconhecimento de uma história contada sob outros pontos de vista. Outros pontos de vista possíveis, pois o que Benjamin nos tem possibilitado é pensar quais seriam os enredos e os desdobramentos se os fatos acontecessem de outra forma; se fossem protagonizados por outros “heróis”; se os heróis da história tivessem no lugar dos vencidos e os vencidos no lugar dos heróis; se o poder se rendesse às forças da resistência.

Exatamente, no ano em que a família de Fritz larga sua história alemã para construir uma outra história no Brasil, em 1927, a República de Weimar, como assim passou a ser chamado o sonho de democracia alemã, instituiu o seguro desemprego para tentar minimizar a miséria de boa parte das famílias alemãs em decorrência da Primeira Guerra Mundial, inclusive a da sua família. Fritz dizia que seu pai era um conservador que desejava a Alemanha de outrora. Culpava seu pai por não ter se criado na sua terra de origem; queria ter podido dar uma chance às promessas da social democracia pela qual sempre demonstrou simpatia, mas se lamentava pelo fato desse mesmo sonho de democracia, aliado ao medo da realidade e a uma certa nostalgia de um passado imperial terem fortalecido Adolf Hitler e o terror do nazismo que, ao mesmo tempo, o fazia agradecer ao seu pai por ter escolhido deixar as esperanças para trás. Assim, pensando na trajetória de Fritz, como seria pintado o *Juízo Final* se sua família tivesse resistido à tentação de abandonar a pátria para fugir da recessão? Será que a dor social que moveu a criação de Fritz existiria em seu peito?

---

<sup>2</sup> BENJAMIN, 1987, p. 227.



Lohmann, Fritz. *Juízo Final*, 1989

Para nós, a tela *Juízo Final*, pintada por Fritz no ano de 1989, é uma das obras em que este pintor dialoga com mais intensidade com a filosofia histórica de Walter Benjamin. Deus, o velho vestido de branco, representa toda a dor social que Benjamin colocou na sua filosofia, dor essa presente em cada reflexão, em cada alegoria, em cada palavra que escreveu em suas teses para tratar o conceito de história. A melancolia foi mais que um sentimento, podemos arriscar dizer que foi um conteúdo que Benjamin utilizou para escrever suas obras. Vejam a tela *Juízo Final*: a melancolia está em Deus, que carrega o fardo de sua criação e sofre pela ausência da necessária “inveja de cada presente com relação ao seu futuro”<sup>3</sup>, que Walter Benjamin já denunciava em suas teses. A melancolia está, também, presente na paisagem de fundo, nas cores da terra e do céu; na expressão de alguns estadistas, como Napoleão, por exemplo, cuja causa revolucionária o fez imperador, mas também o entorpeceu pelo poder, transformando-o em um dos maiores ditadores da história.

Muitas interpretações podem surgir desta obra, entretanto, para nós, chama a atenção os grandes estadistas da história da humanidade que Fritz reuniu para representar o que estamos entendendo como o fardo mais pesado da criação de Deus: “heróis do bem” e “heróis do mal” compartilham, pelos seus ideais, a responsabilidade de muitas perdas, da miséria social, da competição desleal, da ânsia pelo poder, do holocausto, das guerras, da desigualdade, da exclusão, da segregação racial e cultural,

<sup>3</sup> Idem, 1987, p. 222

da colonização econômica e muitas outras situações que escureciam as possibilidades de um novo século, mais solidário e mais livre para toda a humanidade. As expectativas para a chegada do século XXI (já que a tela em referência data do ano de 1989) eram de pouca esperança e o artista tentava expressar sua melancolia já que os grandes heróis não tinham percebido, ou simplesmente ignoraram o “aviso de incêndio” anunciado nas tramas da história, aquelas que não foram lembradas porque esses heróis não escutaram os ecos das vozes que eles mesmos emudeceram.

Com as mãos na cabeça, Deus parece sentir-se derrotado e entrega ao Diabo (o monstro que surge por entre as nuvens) sua criação para o juízo final, porque sem redenção não há salvação!

Benjamin nos convida a pensar as narrativas históricas sem distinção de grandes e pequenos acontecimentos; sem distinguir grandes e pequenos homens e mulheres:

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um de seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa *citation à l'ordre du jour* – e esse dia é justamente o do juízo final.<sup>4</sup>

Löwy comenta na obra que escreveu sobre as Teses de Benjamin, que para o pensador seria preciso que a humanidade se rendesse ao passado para narrar uma história que coubesse o seu passado em toda a sua “inteireza”, sem deixar para trás nenhum acontecimento, nenhuma perda, nenhum sofrimento<sup>5</sup>. Assim, explicamos a melancolia de Fritz ao olhar para o seu passado e reconhecer que a sua Alemanha se esqueceu de narrar o sofrimento das muitas famílias que abandonaram seus sonhos e se aventuraram em um futuro sem passado, em terras desconhecidas. O que na verdade

<sup>4</sup> BENJAMIN, 1987, p. 223.

<sup>5</sup> LÖWY, Michael, 2005, p. 54.

essas pessoas deixaram para trás? Aquilo que foi deixado e, com o tempo, esquecido (se é que isso é possível) ficou aprisionado na memória, na história não contada, e por isso, uma vez aprisionado, não permitiu que novos sonhos libertassem essas pessoas da culpa, do medo, do rancor, da saudade. Entretanto, nas telas, ao contrário de seus atos, Fritz mostrou uma consciência de que, como nos coloca Löwy, “a relação entre o hoje e o ontem não é unilateral: em um processo eminentemente dialético, o presente ilumina o passado, e o passado iluminado torna-se uma força no presente”<sup>6</sup>. Assim, atravessado pela dor, pela saudade, pela culpa, pelo medo e por muitos sentimentos Fritz mostrou nas suas telas (assim acreditamos) que sabia o que era “escovar a história a contrapelo”, como sugere Benjamin na escrita da Tese VII<sup>7</sup>, e que, mais ainda, trazia essa forma benjaminiana de pensar o passado à luz do presente”, ou melhor dizendo, “a verdadeira imagem do passado perpassa veloz, o passado só se deixa fixar como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido”<sup>8</sup>

A natureza dessa tristeza se tornará mais clara se nos perguntarmos com *quem* o investigador historicista estabelece uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor. Ora, os que no momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso diz tudo para o materialista histórico. Todos os que até hoje venceram participaram do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos de bens culturais.<sup>9</sup>

Nesse sentido, podemos entender que Deus não carregava para o *Juízo Final* os despojos da sua criação: os vencidos, os dominados, pois esses nasceram e morreram assujeitados pela força da submissão aos dominadores. Se por eles lutaram, se neles acreditaram e depositaram suas esperanças, foi porque o fascínio pelas promessas

---

<sup>6</sup> Ídem, p. 61

<sup>7</sup> BENJAMIN, 1987, p. 225

<sup>8</sup> Ídem, p. 224.

<sup>9</sup> Ídem, p. 225.

de um futuro de vitórias e conquistas provocou nesses sujeitos o apagamento do compromisso com as suas próprias perspectivas.

Assim, é de estranhar logo na primeira página a afirmação de que “o século em que se luta, por que idéias e com que armas são coisas secundárias”. E o mais espantoso é que, com essa afirmação, Ernst Jünger se apropria de um dos princípios do pacifismo, um dos mais contestáveis e abstratos. Mas o que há por trás dele e de seus amigos não é tanto um padrão doutrinário, mas sim um arraigado misticismo perverso, segundo todos os critérios de um pensamento viril. O seu misticismo da guerra e o ideal estereotipado do pacifismo se equivalem. No momento, mesmo o pacifismo mais tísico está um passo à frente de seu irmão acometido por ataques epilépticos: ele tem certos pontos de referência na realidade, inclusive, uma concepção da próxima guerra. (...) Com prazer e com ênfase, os autores falam da “Primeira” Guerra Mundial. Mas a obtusidade com que falam em guerras futuras, sem noção do que estão falando, prova a falta de assimilação, pela sua experiência, de uma realidade a qual chamam de “real de alcance mundial”, com estranhíssima exaltação. Esses pioneiros da *Wehrmacht* quase levam a crer que o uniforme é para eles um objetivo supremo, desejado com todas as fibras de seu coração, objetivo que quase faz esquecer as circunstâncias nas quais o uniforme é utilizado.[...]

Na obra que utilizamos como uma das interlocuções benjaminianas neste texto, *Documentos de Cultura. Documentos de Barbárie (Escritos Escolhidos)*, Benjamin faz uma resenha crítica (*Teoria do Fascismo Alemão*) da coletânea organizada por Ernest Jünger, *Krieg und Krieger* (Guerra e guerreiros)<sup>10</sup>. Na sua crítica, entre muitas questões que Benjamin nos coloca para reflexão, uma delas é que provavelmente os autores da coletânea não conseguiram avaliar o que é, para os vencidos, ganhar ou perder uma guerra. Benjamin faz sua crítica, mas não culpa e nem acusa os autores da coletânea

---

<sup>10</sup> Walter Benjamin, “Theorien des deutschen Faschismus” (Teoria do Fascismo Alemão), in *Documentos de Cultura. Documentos de Barbárie*. Resenha da coletânea *Krieg und Krieger* (Guerra e guerreiros), org. por Ernst Jünger, Ed. Junker e Dunnhaup, 1930.



pelas suas palavras. Reconhece que esses autores, além de narradores da guerra foram soldados nos confrontos e viveram na alma a experiência da guerra; porém, revela em suas críticas certa ingenuidade nas ideias desses autores, e de muitos líderes: o que significa ganhar ou perder a guerra para aqueles que não lutaram, mas que perderam muito mais que batalhas, pois perderam a “substância material e espiritual de um povo”?<sup>11</sup>

Na sua arte, na sua filosofia e nas muitas escolhas que fez ao longo da vida, Fritz deixou escapar sentimentos como culpa, arrependimento, revolta e também nostalgia em relação à Alemanha, sua terra natal. Fazia correspondência com entidades alemãs que lhe enviavam jornais e revistas do país, e ele os lia, assim como suas revistas e livros de arte, que também eram alemãs (alguns franceses ou ingleses, línguas que aprendeu de forma autodidata), de maneira que se sentia alemão morando no Brasil, e por isso nunca se naturalizou brasileiro. Seu sotaque era bem carregado. Isso parecia estranho; uma negação. Não ao Brasil que lhe acolheu, mas à própria Alemanha que dizia lhe ter expulsado. Talvez essa forma de se colocar estrangeiro permitiu que desenvolvesse uma bela filosofia sobre ser brasileiro, que demonstrou de forma surpreendente em sua arte. No mesmo sentido, Fritz mostra como seria a Alemanha e os alemães se as escrituras históricas tivessem outras narrativas, por outros narradores.

Como interpretou Löwy (2005), “o passado espera de nós sua redenção”. A redenção (*Erlösung*), para Benjamin, tem seu sentido na rememoração da história. Rememorar a história trazendo para as narrativas as experiências coletivas de todos os sujeitos. Narrar o passado como um desvio para pensarmos o presente: “nada de salvação sem transformações revolucionárias da vida material”<sup>12</sup>. E foi assim que Fritz expressou em o *Juízo Final*: era certo, para o Diabo, que Deus colocaria a parte mais valiosa de sua criação aos seus “cuidados”. Do seu lugar o “mal” apenas contemplava e esperava, sem interceder, pelo o juízo final. Na crítica literária que Benjamin escreveu sobre o surrealismo, há uma passagem em que se refere a uma obra de Dostoiévski que muito nos disse sobre a tela *Juízo Final*:

<sup>11</sup> BENJAMIN, 1986, p. 132.

<sup>12</sup> LÖWY. Michael, 2005, p. 58.

Para sermos mais rigorosos, podemos selecionar da obra completa de Dostoievski exatamente o texto que de fato somente foi publicado em 1915: “A confissão de Stavrogin, dos *Demônios*. Esse capítulo, que tem estreitas analogias com o terceiro canto dos *Chants de Maldoror*, contém uma justificação do Mal que exprime certos motivos do surrealismo com mais força com que jamais conseguiram os seus propugnadores atuais. Pois Stavrogin é um surrealista *avant la lettre*. Ninguém como ele compreendeu como é falsa a opinião do pequeno burguês de que, embora o Bem seja inspirado por Deus, em todas as virtudes que ele pratica, o Mal provém inteiramente da nossa espontaneidade e nisso somos autônomos e responsáveis por nosso próprio ser. [...] O Deus de Dostoievski não criou apenas o céu e a terra e o homem e o animal, mas também a vingança, a mesquinharia e a crueldade. E também aqui o Diabo não interferiu com o trabalho.”<sup>13</sup>

No Juízo Final, Deus condenou os “justos” e os pecadores. Condenou os “grandes heróis” de Fritz Lohmann, da mesma forma como condenou seus vilões. Foi um julgamento sem perdão, porque não houve redenção em nenhum dos dois lados. Os ideais pareciam antagônicos, porém forças opostas lutaram com as mesmas armas e, dessa forma, os ideais progressistas não transformaram o curso da história como prometeram às classes oprimidas, e os entregaram como instrumentos para fortalecer ainda mais as classes dominantes, prevalecendo a diferença entre classes, o individualismo, a segregação social, o “poder do Estado estrangeiro autônomo se opondo aos membros da sociedade”, temas essenciais da obra de Marx que Benjamin criticou com veemência.<sup>14</sup>

Segundo Gagnebin, Benjamin sofreu grande impacto com o acordo firmado entre Stalin e Hitler, em agosto de 1939, que o inspirou na escrita de suas teses sobre história, que para muitos críticos são um dos maiores legados que ele deixou para seus contemporâneos.<sup>15</sup> No final da década de 1970 e início dos anos de 1980, o Brasil,

<sup>13</sup> BENJAMIN, 1987, p. 31.

<sup>14</sup> LÖWY, Michael, 2005, p. 59.

<sup>15</sup> Jeane Marie Gagnebin prefaciou a obra *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas 1*, traduzida por Sergio Paulo Rouanet, publicada em 1ª edição no Brasil em 1985, pela Editora Brasiliense. A edição que estamos utilizando como referência neste texto é datada de 1987.

pátria emprestada de Fritz, fervia com o final do regime militar: anistia, fim da ditadura, eleições diretas, liberdade de expressão, enfim, nessa efervescência a juventude encontrou espaço para criar formas irreverentes de resistência cultural, cantando, escrevendo, pintando e poetizando seus protestos, suas denúncias e opiniões. A *Banda Titãs* surge em 1982 com a promessa de “dar um soco no estômago da hipocrisia”<sup>16</sup> e colocar a juventude brasileira para pensar e incomodar a “burguesia”. Em uma de suas canções, *Homem Primata*, encontramos um trecho que poderia representar, de forma contundente, a figura do Diabo na tela Juízo Final, ou melhor, o seu veredito:

“[...]  
*Eu aprendi*  
*A vida é um jogo*  
*Cada um por si*  
*E Deus contra todos*  
*Você vai morrer*  
*E não vai pro céu*  
*É bom aprender*  
*A vida é cruel*  
*Homem primata*  
*Capitalismo selvagem [...]*”  
Titãs

Portanto, se essa é a regra, só sairemos fortalecidos dessa batalha se encontramos no “estado de exceção” a verdadeira regra para viver e fazer história, como nos aconselhou Benjamin na escrita de sua Tese VIII.<sup>17</sup> Walter Benjamin mostrou-nos, com a sua concepção de história que não há como materializar o futuro; logo, esperar por ele é perder o presente. Perder, sim, a possibilidade de potencializar as nossas chances de narrar e fazer o presente a partir do avesso dos fatos, das conquistas e das vitórias, enfim, do “estado de exceção”.

Nem Fritz e nem Benjamin viram as Torres Gêmeas caírem, e também não viram

<sup>16</sup> [www.titas.net/historia](http://www.titas.net/historia), consulta em 16/11/2014.

<sup>17</sup> BENJAMIN, 1987, p. 226.

um operário e um negro assumirem a presidência de uma nação; não viram a crise econômica da Grécia, berço da civilização ocidental, como também não conheceram o universo virtual da internet e do mundo digital. Não falaram ao celular e nem se conectaram em redes de relacionamento; entretanto, talvez suas pinturas e narrativas críticas não fossem tão diferentes se elaboradas no tempo de agora. Boaventura de Sousa Santos reconheceu a pobreza da experiência contemporânea nos estudos que desenvolveu para investigar as formas como os movimentos sociais e as ONGs vêm reagindo aos processos de exclusão e discriminação social e econômica mundiais:

Fundada na razão metonímia<sup>18</sup>, a transformação do mundo não pode ser acompanhada por uma adequada compreensão do mundo. Essa inadequação significou violência, destruição, silenciamento para todos quantos fora do Ocidente foram sujeitos à razão metonímia; e significou alienação, *malaise* e *uneasiness* no Ocidente. Esse desconforto foi bem sentido por Walter Benjamin ao mostrar o paradoxo que então passou a dominar – e domina hoje, mais ainda – a vida no Ocidente: o facto de a riqueza dos acontecimentos se traduzir em pobreza da nossa experiência e não em riqueza. Este paradoxo veio coexistir com um outro: o facto de a vertigem das mudanças se transmutar frequentemente numa sensação de estagnação<sup>19</sup>.

Assim, o presente vai mostrando que “começar tudo de novo” com a certeza de que o sol nasce todos os dias para todos, não significa voltar ao princípio e nem tampouco pouco esperar pelo “nada como um dia após o outro”. Como nos coloca Löwy (2005), “a relação entre hoje e ontem não é unilateral: em um processo eminentemente dialético, o presente ilumina o passado, e o passado iluminado torna-se uma força no presente”<sup>20</sup>. Nesse sentido, é preciso olhar o espelho retrovisor primeiro. Vamos tomar aqui o espelho retrovisor como uma metáfora. Ao olharmos através dele, as coisas parecem menores em relação ao reflexo de um espelho comum, mas em função da sua

<sup>18</sup> Conceito desenvolvido por Boaventura Sousa Santos, que compreende a “ideia da totalidade sob a forma de ordem” (2002, p. 241)

<sup>19</sup> SANTOS, 2002, p. 244

<sup>20</sup> LÖWY, Michael, 2005, p. 61

forma curva, o espelho retrovisor aumenta o nosso campo de visão. Nesse sentido, o passado refletido no espelho retrovisor pode ampliar nosso campo de visão do presente e aumentar as chances de enfrentamento e de ruptura, criando, assim, novas formas de emancipação social, cada qual na dimensão de sua real necessidade como sugere Boaventura: “formas de emancipação sociais concretas de grupos sociais concretos” (2002, p. 274). Se não é desta forma, esperamos o *Juízo Final* de Fritz que, hoje, certamente, acrescentaria muitos outros personagens.

## Considerações Finais

Desde o início do século XX, Walter Benjamin vem causando impacto com a sua filosofia e trazendo importantes questões não só para os pensadores da modernidade, como para os estudiosos da contemporaneidade, o que nos leva a considerar suas ideias sempre correlatas com o tempo ( diríamos até para além do tempo de agora). A versão benjaminiana do conceito de história nos revela uma história que não evolui em linha reta, mas que se dá no “salto” (*Sprung*) em direção ao novo, ao inusitado, ao acontecimento, uma possibilidade de articular a tradição e o passado com o presente, e é exatamente essa impressão que nos causa a tela *Juízo Final*, de Fritz Lohmann. A dor social que foi um conteúdo para as criações de Benjamin, também nutriu a produção artística de Fritz Lohmann. Essa dor social não pode ser sentida em sofrimento ou angústia, mas como inspiração, como possibilidade de reinvenção das experiências, ou como sugere Boaventura, como “possibilidade de um futuro melhor” que “não está, assim, num futuro distante, mas na reinvenção do presente”<sup>21</sup>. Talvez, Fritz tenha tido esta intenção, mas pelas circunstâncias da vida, ao contrário da obra de Benjamin, sua obra ficou no anonimato, como uma recordação de sua vida, uma presença nas casas de seus filhos e netos.

Entendemos que esta dor social ou *melancolia* que atravessou a obra de ambos os artistas aqui referendados, deveria atravessar de forma criativa o trabalho do

---

<sup>21</sup> SANTOS, 2002, p. 274

pesquisador. Para Benjamin, tornar-se melancólico é fundamental para a produção de subjetividades, portanto a possibilidade de expandir a condição criadora e encorajar o pesquisador a resistir às constatações, às verdades e ao pessimismo, buscando o avesso da realidade, a outra face das coisas.

## Referências Bibliográficas

BENJAMIN, W. *Documentos de Cultura. Documentos de Barbárie: escritos escolhidos/ seleção e apresentação Willi Bolle; tradução Celeste H. M. Ribeiro de Sousa et al.* São Paulo: Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1986

\_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política. Ensaaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas Vol. 1.* Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: Aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”.* São Paulo: Boitempo, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências.* Coimbra: Sociais, out. 2002, p. 237-280.

## Site

<http://www.titas.net/historia>

<http://www.vagalume.com.br>